“E se fizéssemos um jornal com estes gajos?...”

José Silva Pinto

Se eu fosse um tipo “organizado” e “capaz de prever o futuro”, ainda deveria conservar num qualquer baú duas pequenas folhas de papel, onde, num qualquer dia de Novembro ou Dezembro de 1974, eu e o Manuel Beça Múrias escrevemos alguns dos nomes que viriam a constar da lista dos 15 jornalistas fundadores de “O Jornal”. Talvez ainda os tenha guardado algures, num dos meus inúmeros caixotes de papéis antigos, os quais já sei que nunca, jamais, em tempo algum, irei conseguir consultar...

Mas não preciso desses antigos “linguados” de papel amarelado que eram usados para escrever os originais no “Diário de Notícias”, onde ambos trabalhávamos, para me lembrar perfeitamente de que num deles eu escrevi, antes de uma lista de nomes, uma pergunta muito simples: “E se fizéssemos um jornal com estes gajos?”. O Beça Múrias escreveu outra lista, na qual, curiosamente, os nomes eram quase todos os mesmos.

[Diga-se, em abono da verdade, que já antes o Beça Múrias havia feito, individualmente, diligências no sentido de encontrar quem quisesse apoiar a criação de um novo jornal, mas não foi bem sucedido. Sem margem para dúvidas, o que nos levou à busca de uma solução jornalística nova — e a todos os títulos independente — foi o facto de, no final de 1974, sucessivas tentativas de controlo partidário e diversos desvarios pseudo-revolucionários começarem a tornar insustentável a permanência num jornal estatizado como era, então, o “Diário de Notícias”].

Era, ainda, um rol muito incompleto aquele conjunto de nomes por nós redigido, mas, se bem me lembro, já lá estavam os nomes do Joaquim Letria, do Afonso Praça, do Pedro Rafael dos Santos, do Francisco Sarsfield Cabral, do Carlos Cáceres Monteiro, do Hernâni Santos, do Fernando Gaspar e do Joaquim Lobo — e poucos mais. O mesmo aconteceu, um pouco mais tarde, nos casos do Rui Pimenta, do Ribeiro Cardoso, do António Carlos Carvalho e do Luís Almeida Martins, bem como no do João Segurado, entretanto regressado do seu exílio em Londres, onde privara com o Joaquim Letria. Quanto ao José Pinto Nogueira, também ex-exilado (na Suíça), começou como colaborador, só mais tarde vindo a ser plenamente integrado na equipa de societários.

Um caso singular foi o do José Carlos de Vasconcelos: o seu nome constava, obviamente, da nossa lista comum inicial, não obstante a sua condição de director-adjunto do “Diário de Notícias”, que viria a abandonar em solidariedade com o director, José Ribeiro dos Santos, vítima de um saneamento totalmente injusto — e estúpido — típico dessa época, mesmo antes do 11 de Março de 1975 — o que o levou, provisoriamente à Direcção de Informa-

ção da RTP (cargo que exerceu numa espécie de serviço cívico *pro bono*…). Embora desde o início participante na sociedade e nos trabalhos preparatórios do lançamento do novo jornal, só viria a entrar a tempo inteiro nas vésperas da saída do primeiro número, mas ainda a tempo de produzir a primeira manchete: "O Conselho da Revolução decidiu: a Intersindical já é confederação".

Em resumo, quase todos os nomes inicialmente seleccionados tinham como denominador comum o facto de estarem relacionados com três publicações: o "Diário de Lisboa", a "Flama" e "A Capital".

* * *

Joaquim Letria, Manuel Beça Murias, Joao Segurado e Luís Almeida Martins nos primeiros dias da construção de "O Jornal"

Joaquim Letria foi, naturalmente, de entre todos, o escolhido para assumir o cargo de director do novo semanário: para além da sua competência comprovadíssima como grande repórter oriundo do "Diário de Lisboa", acumulara também um imenso capital profissional durante alguns anos nos quadros da secção portuguesa da BBC, em Londres, de onde regressou logo a seguir ao 25 de Abril, para ingressar na RTP, onde protagonizaria diversos programas que dele fizeram uma verdadeira estrela televisiva.

Se bem me lembro, o projecto começou a ser delineado, em reuniões aqui e ali, por exemplo num andar da Rua Barata Salgueiro, onde o Joaquim Letria trabalhava também como delegado de um jornal de Moçambique. Isso antes de começarem as reuniões na sala Kioto, no Hotel Altis, no outro lado da rua, onde viria a ser requerida a "certidão de nascimento" das Publicações Projornal (resumidamente designada por Projornal) e de "O Jornal". Essas reuniões na sala Kioto eram bem longas e animadas — e fumava-se tanto que até os alarmes de incêndio chegavam a disparar…

Outro nome que, numa segunda fase do processo, também chegou a constar da lista da Redacção foi o do José Manuel Barroso, oriundo do "Comércio do Funchal" e do MFA, em que participara na qualidade de capitão miliciano. E também o do Fernando Antunes, quase desde o início como colaborador permanente, funções que exercia em simultâneo como redactor do "Jornal de Notícias", bem como o do repórter-fotográfico Inácio Ludgero, vindo de "A Capital".

* * *

Por ser verdade, também me cumpre atestar que à fundação de "O Jornal" esteve associada uma pequena empresa, editora de uma revista chamada "Casa Viva", de que eram sócios, entre outros, António Reis, Eduardo Fortunato de Almeida e Diogo da Fonseca (os três já desaparecidos) e Maria Fernanda Diniz.

Sem o seu contributo, a aventura não teria sido possível: na verdade, nenhum outro editor de

jornais que então abordámos aceitou o desafio de partilhar os riscos do lançamento de um jornal de jornalistas...

(Como acima deixei expresso, a abordagem mais significativa nesse sentido foi feita, em primeiro lugar, individualmente, pelo Manuel Beça Múrias, ao presidente da Renascença Gráfica e director do "Diário de Lisboa", António Pedro Ruella Ramos: era nosso amigo — muitos de nós tínhamos trabalhado com ele no "DL", mas não aceitou o desafio. Foi pena, como mais tarde foi por todos reconhecido).

A propósito, lembro-me bem da diligência "administrativa" que consistiu na busca da primeira sede de "O Jornal", no n.º 232 da Avenida da Liberdade, num rés-do-chão direito então em ruínas: tendo sido pedidos vinte contos de renda, foi contraposto por António Reis um pagamento de dez contos mensais, sendo nós a fazer as obras. E foi aceite. (Enquanto as obras necessárias se faziam, a toda a pressa, a nova redacção funcionou, provisoriamente, num andar na Avenida Sidónio Pais, próximo do Parque Eduardo VII).

[O proprietário do prédio da Avenida da Liberdade era o sr. Mário Macedo, também dono da Livraria Rodrigues, na Rua do Ouro, um homem reconhecidamente muito "poupado", que, vivendo no primeiro andar do "nosso" prédio, só concedia à filha, já mais do que adulta, o direito de ocupar uma pequena sala que dava para a Rua Rodrigues Sampaio, onde ela arranjou maneira de ganhar algum espaço construindo uma espécie de "mezzanine", só possível porque a casa tinha um pé direito muito alto…

Ainda estou a vê-lo a regressar a casa, vindo da Baixa, em dias mais frios, com um sobretudo castanho, com umas abas larguíssimas, que imagino ter sido adquirido ainda no princípio do século XX… Mas, os mais divertidos episódios passados com o sr. Macedo aconteciam quando era necessário negociar qualquer coisa com ele e íamos (eu, o Joaquim Letria e o Henrique Pavão) procurá-lo no seu escritório na livraria — controlava os seus funcionários mediante o uso de um apito, sendo que o número de apitadelas variava segundo o empregado a chamar para tratar deste ou daquele assunto…].

* * *

A Projornal foi constituída como uma sociedade por quotas, com um capital de 2 170 contos, em que os 15 jornalistas societários detinham em conjunto 60 por cento (cada um exactamente com 86 800$00, correspondentes a três meses de salários brutos não recebidos na nova empresa...), cabendo à Casa Viva os restantes 40 por cento.

Cada uma das partes tinha um gerente efectivo e um suplente. À gerente Casa Viva competia a administração da sociedade em tudo quanto respeitasse, nomeadamente, aos assuntos comerciais, de promoção, publicidade e vendas. Ao gerente designado pelos restantes sócios — nesse caso eu próprio — cabia a administração no respeitante ao aspecto e ao conteúdo das publicações periódicas a editar.

Essa parceria manter-se-ia até finais de 1982, quando os jornalistas fundadores adquiriram a quota do grupo Casa Viva, passando, assim, a deter a propriedade total da Projornal.

Não se pense que foi fácil convencer todos os futuros societários a entrar na aventura — talvez por isso mesmo: porque era uma aventura... Por exemplo, lembro-me perfeitamente do que me custou vencer as resistências do Francisco Sarsfield Cabral. Nesse tempo, não estava ainda instituída a moda dos almoços de trabalho, mas lembro-me, como se fosse hoje, de conversarmos sobre o assunto à mesa de um restaurante chamado "O Chocalho", no Largo de Santos, e de ele só aceder mediante uma condição *sine qua non*: só trabalharia em casa... Foi, pois, um precursor do teletrabalho...

E o trabalhão que também tive para convencer o Luís Almeida Martins de que não devia desistir de ser jornalista de "O Jornal", para se tornar professor numa qualquer escola secundária? Talvez ele se lembre dessa conversa bem prolongada, numa pastelaria do Largo do Calhariz, certamente num intervalo do fecho semanal de "O Jornal", cuja composição e montagem se fazia nas instalações do "Diário de Lisboa", no Bairro Alto, para depois vir a ser impresso na Lisgráfica, em Queluz de Baixo.

Já o António Carlos Carvalho entrou, mas a sua peculiar visão pessimista do mundo e sua posterior transformação em sacerdote ortodoxo, depressa o levou a abandonar a "nave de loucos" que era, para ele, a redacção de "O Jornal"... O Ribeiro Cardoso também não aguentou muito tempo — seduzido que estava pelos "amanhãs que [ainda] cantavam", na redacção do "Diário de Lisboa", onde queria intervir todos os dias... Fernando Gaspar, que fazia parte da lista inicial, só se manteve na ficha técnica até ao n.º 3, após o que desapareceu sem deixar rasto.

Quanto ao Rui Pimenta e ao José Manuel Barroso, esses sairam bastante mais tarde, desapontados porque, em sua opinião, "O Jornal" não apoiava suficientemente a candidatura presidencial do general Eanes... [Isto talvez possa contribuir para desfazer o velho mito de que "O Jornal" era eanista...].

Com a saída da sócia Casa Viva e de alguns jornalistas societários, a sociedade passou a integrar nomes como os do Henrique Segurado Pavão (que inicialmente apenas funcionava como conselheiro *pro bono*), do António Gomes da Costa, do Fernando Assis Pacheco, do Silva Costa, que, cada um a seu modo, segundo as suas competências próprias, também contribuiram em muito para o que foi o êxito de "O Jornal" e de tudo o que lhe esteve associado, nas décadas de 1970 e 1980.

* * *

Claro que tudo isso aconteceu há muito tempo, numa época em que os jornalistas ainda não tinham deixado de ser "camaradas", para se tornarem "colegas"... [E, já agora, devo dizer que temo bem que ainda venha o dia em que se tratarão por "companheiros de redação", como nas uniões de facto...]. Outro pormenor

que dá bem ideia de como tudo isso se passou há muitos anos é a inexistência de um só nome de mulher na lista de fundadores: nessa época, as redacções eram quase feudos masculinos, ao contrário do que hoje, felizmente, acontece. (O primeiro nome feminino a constar da lista da redacção foi o da Lurdes Feio, uma jovem estagiária que, ainda enquanto estudante, colaborara na Reuters e na Associated Press. E mais tarde, em diversas etapas da vida de "O Jornal" entraram também a Edite Soeiro, a Clara Pinto Correia, a Ana Paula Correia, a Paula Serra, a Ângela Caires, a Cláudia Lobo, a Olga Lobo, a Ana Pereira da Silva e a Emília Caetano…).

* * *

Éramos, à época, rapazes mais ou menos idealistas, mais ou menos jovens, na casa dos vinte e tais / trinta e poucos anos, ainda não vistos como "cotas" e "ultrapassados", como hoje acontece. Ainda não tinha chegado o tempo em que nenhum emprego é garantido, nenhuma perícia valorizada, nenhuma experiência prática considerada de utilidade duradoura. Aliás, penso até que a cartilha dos direitos humanos actualmente seguida deixou de incluir o direito a um emprego, por mais bem executado que seja. Por isso, muitas carreiras, até há pouco julgadas de futuro, estão a revelar-se vias rápidas para o desemprego...

O primeiro número de "O Jornal" — saído com data de 2 de Maio, mas colocado à venda no próprio 1.º de Maio que antecedeu o célebre Verão Quente de 1975 —, espelhava já os dias que se viviam no Portugal pós-revolucionário, com notícias sobre o Conselho da Revolução, a Intersindical transformada em Confederação e a presença" dos "capitães de Abril na festa de Maio". Mas havia também notícias sobre os combates das ruas de Luanda e ao fim da Guerra do Vietname, que nessa semana ocorreu.

o jornal

Ano I N.º 1
2 de Maio de 1975
Preço 7$50

Director
Joaquim Letria

O Conselho da Revolução decidiu:

A Intersindical já é Confederação

Luanda: Recolher obrigatório e luta nas ruas

Neste número

Rosa Coutinho analisa as eleições

Vietnam Finalmente a Paz

A crise da indústria automóvel

João Abel Manta desenha a 1.º de Maio

Colaboração especial
José Gomes Ferreira
Miller Guerra
César Oliveira
Mário Murteira

Capitães de Abril na festa de Maio

KOL
MAPLES

Capa do primeiro número de "O Jornal"

Essa primeira edição haveria de se esgotar rapidamente em todo o país, mas foi fruto de um "parto" com fórceps, após uma noite sem sono nas instalações da Lisgráfica. O papel disponível, inicialmente adquirido à empresa das listas telefónicas, não se adequava à rotativa e a impressão foi várias vezes interrompida. Por isso, só o número seguinte responderia efectivamente à grande expectativa que no país se criara quanto ao aparecimento de "O Jornal". A verdade é que, na sequência dos

acontecimentos e das nacionalizações de Março desse ano, a Informação portuguesa estava controlada e "O Jornal", pelas suas próprias características de publicação de publicação independente e de "jornal de jornalistas", era um sopro de respiração num ambiente politicamente sufocante.

* * *

O primeiro anúncio sobre "O Jornal", que a RTP passara nos dias anteriores era uma ilustração disso mesmo. "Não guardamos notícias na gaveta", era o slogan. O grupo de jornalistas que, contra ventos e marés, se abalançara àquele projecto, transportara, à força dos próprios braços, algumas secretárias para o relvado do Parque Eduardo VII. Dentro das secretárias, havia passarinhos, que voaram livremente quando as gavetas se abriram. Era uma metáfora da informação em liberdade. Pássaros que rumavam rumo ao céu azul, como a gaivota que voava, voava, da canção que, por esses dias, se tornara uma espécie de hino ao 25 de Abril de 1974.

Mas, enquanto a gaivota foi ferida na asa pelas perversidades da Revolução, estes pássaros eram aves de esperança. Independente política e economicamente, "O Jornal", sem receber ordens nem instruções de ninguém, reflectia, contudo, os sinais desse tempo simultaneamente glorioso e dramático. Na primeira edição, sob o título "Porquê 'O Jornal'?", falava-se de uma "aventura" só possível "num jornal de jornalistas, em que estes sejam colectivamente os únicos responsáveis pela sua orientação e execução". E sublinhava-se como só a mordaça que o 25 de Abril tirara aos jornalistas proporcionava essa iniciativa.

* * *

Nomes importantes da cultura portuguesa sempre estiveram ligados a "O Jornal", que, por isso, marcou, decisivamente, ao longo de uma época, a política e as ideias no nosso país. Logo no n.º 1, vem publicado um poster de um artista que marcou, indelevelmente, o arranque de "O Jornal": João Abel Manta. O escritor José Gomes Ferreira também é um dos colaboradores do primeiro número, bem como César Oliveira, autor de escritos politicos muito incisivos.

No segundo número, teríamos a colaboração de Mário Zambujal, que mais tarde haveria de juntar-se à equipa como primeiro director do jornal "Se7e", criado pela Projornal e, durante alguns anos, também um fenómeno de vendas, sobretudo devido às divertidíssimas crónicas do "Zé Carioca de Limão", pseudónimo com que Pedro Rafael dos Santos dava novidades semanais sobre as novelas brasileiras que, entretanto, chegavam a Portugal, via TV Globo.

Nesse mesmo n.º 2, Salgado Zenha e Nandim de Carvalho, dois politicos que remavam contra a maré do poder estabelecido, davam uma marca de pluralismo então impossível na quase totalidade da Imprensa portuguesa, onde só o *Expresso* se mantinha também independente do poder politico. No n.º 3, haveria a primeira colaboração de Marcelo Rebelo de

Sousa e também a de Fernando Namora, com os seus "Cadernos de um Escritor".

Mas também o poder dominante colaborava nas páginas do novo semanário: na quarta edição, publica-se um texto de Octávio Pato e, poucas semanas depois, outro de Carlos Carvalhas, ambos nomes proeminentes do PCP.

José Cardoso Pires, Eduardo Prado Coelho, Nuno Brederode Santos (com as suas divertidíssimas "Crónicas de Ribera Dulce"), Francisco Mata, Nuno Bragança, Luís Filipe Castro Mendes, José Nuno Martins, Eduardo Lourenço, José Augusto Seabra, Urbano Tavares Rodrigues, Miguel Urbano Rodrigues, Luís Sttau Monteiro (com a sua "Guidinha"), Arnaldo Saraiva, João Benard da Costa, João Cravinho, Nuno Portas, António Reis, José Vaz Pereira, Miller Guerra — eis apenas alguns dos colaboradores dessa primeira fase de "O Jornal". Também Miguel Esteves Cardoso iniciava neste semanário as suas lides jornalísticas, primeiro a fazer traduções e, depois, a partir de 5 de Novembro de 1975, com crónicas assinadas. Também colaboradores eram Augusto Abelaira, com a sua crónica semanal "Escrever na Água", mas também o "militar de Abril" Rodrigo Sousa Castro, com os seus bem informados textos assinados com o pseudónimo Manuel F. Andrade (nome correspondente às iniciais do MFA).

* * *

Pouco depois de ter aparecido, em circunstâncias em que era difícil assumir posições independentes, sendo um jornal que se assumia como "independente de esquerda", "O Jornal" chegou a receber ameaças da esquerda que estava no poder antes do 25 de Novembro de 1975. Rotulado como alinhado com os "capitães de Abril", as suas páginas revelavam-se uma consciência crítica, o que muitas vezes se traduzia em manchetes que ficaram famosas, como "Os homens sem sono andam a dormir?" — e muitas outras. Seis meses depois de ter aparecido, "O Jornal" dá uma das suas maiores cachas de sempre, com a revelação do "Documento dos Nove", os militares liderados por Melo Antunes, que se opunham à facção de Vasco Gonçalves.

Jornal de "esquerda", este semanário sempre constituiu, contudo, um espaço de debate para todas as correntes. Numa altura em que o CDS era perseguido e considerado um "partido antidemocrático", Adelino Amaro da Costa vinha, muitas vezes, à nossa redacção concluir os seus artigos. Uma vez, falhou a electricidade e ele escreveu ali mesmo, numa das salas do n.º 232 da Avenida da Liberdade, à luz de velas…

Adelino Amaro da Costa a escrever um artigo na Redacção de "O Jornal"

* * *

Foi um tempo bem difícil esse Verão de 1975, em que os jornalistas que constituíam a redu-

zida Redacção de “O Jornal” viveram sobre o fio da navalha, prolongando as quintas-feiras até alta madrugada, pois era difícil prever a evolução dos acontecimentos. [Nesses tempos “heróicos”, em que não havia maneira de se conseguir fechar “O Jornal” antes das 3 ou 4 horas da manhã, o Joaquim Letria e eu, entre outros, íamos para a estação de Santa Apolónia tentar convencer o chefe da estação a adiar a partida do comboio para o Porto…]

O País estava dividido ao meio e, por mais do que uma vez, esteve, sem exagero, à beira da guerra civil. Data dessa época a primeira das conotações que foram coladas a “O Jornal”, inicialmente ao MFA (Movimento das Forças Armadas) e depois ao chamado Grupo dos Nove, mas nem por isso os militares eram poupados a críticas. No início de Julho, fazia-se uma pergunta séria ao MFA: “Os homens sem sono andam a dormir?”. No final do mesmo mês, a manchete era ainda mais incisiva: “Senhores do MFA / Resolvam lá isto — a malta está farta!”

Os moderados venceriam o despique, no 25 de Novembro, mas nem por isso os campos deixaram de estar extremados. Os primeiros cinco anos de “O Jornal” foram particularmente conturbados, com os partidos politicos ainda em busca de um lugar no xadrez… Mas não é das contas do extenso rosário de histórias políticas cobertas por “O Jornal” que pretendo tratar nesta breve comemoração da sua vida, que viria a durar 17 anos, seis meses e 26 dias — até à edição n.º 927, datada de 27 de Novembro de 1992.

Durante todo esse tempo, “O Jornal” procurou cumprir o que se poderia chamar um saudável “dever de desrespeito” pelo Poder. Em nome, precisamente, das multidões que não têm qualquer parcela de poder, esforçou-se por revelar ao grande publico as ambições secretas de tantos daqueles que, gravitando ao redor do Poder — do Estado, dos partidos, do dinheiro ou das confissões religiosas —, colocam os seus interesses pessoais acima dos reais interesses do País.

* * *

De tudo quanto se passou nas 927 semanas em que durou, procurou “O Jornal” ser, em cada número, a história de importantes “instantes” históricos, procurando captar a quente o que iria ser lido a frio. Isto sob diversas direcções editoriais, desde a primeira, de Joaquim Letria, entre Maio de 1975 e Novembro de 1977. Seguiu-se-lhe, em 2 de Dezembro desse ano, José Carlos de Vasconcelos, sendo eu próprio director-adjunto, até que, em 1985, quando JCV foi tentado pela política (no PRD), fui eu próprio eleito director pelos restantes societários.

Nesse posto, que ocupei até ao “ponto final!”, em 1992, fui coadjuvado por três directores-adjuntos (Manuel Beça Múrias, Carlos Cáceres Monteiro e Pedro Rafael dos Santos), sendo que o primeiro deles, já no lugar de n.º 2 desde 1981, foi surpreendido por uma morte inesperada e prematura, em 1987, aos 49 anos de idade.

Essa morte representou um golpe duríssimo, em termos pessoais, mas também no capítulo profissional: era ele um dos mais talentosos construtores de títulos jornalísticos que alguma vez conheci, pertencendo-lhe a autoria dos que mais se distinguiriam nas capas de "O Jornal". Foi, também por isso, uma falta que nunca mais foi possível colmatar.

PRIMEIRO-
-MINISTRO
PRECISA-SE

DEMOCRATA E COMPETENTE, COM OU SEM PRÁTICA, LIVRE DE OBRIGAÇÕES MILITARES. EXIGEM-SE BONS CONTACTOS E APOIO DOS PARTIDOS POLÍTICOS, MESMO DE SINAIS CONTRÁRIOS. ASSUNTO MUITO SÉRIO. CONDIÇÕES A COMBINAR. ENTRADA IMEDIATA PARA PRESTAÇÃO DE PROVAS EM SÃO BENTO.

RESPOSTA AO PALÁCIO DE BELÉM

O "anúncio" que levou Nobre da Costa a São Bento...

[Entre as manchetes mais originais concebidas pelo M. B. M., recordo uma particularmente incisiva, publicada no n.º 171 (edição de 4/10 de Agosto de 1978), sob a forma de um imaginário anúncio da Presidência da República, quando Ramalho Eanes procurava resolver o impasse da falta de um novo chefe do Governo, antes da escolha de Alfredo Nobre da Costa para o lugar de primeiro-ministro (29 de Agosto/22 de Novembro de 1978). Dizia assim: "Primeiro-ministro / Precisa-se / Democrata e competente, com ou sem prática, livre de obrigações militares. Exigem-se bons contactos e apoio dos partidos politicos, mesmo de sinais contrarios. Assunto muito sério. Condições a combinar. Entrada imediata para prestação de provas em São Bento. / Resposta ao palácio de Belém"].

* * *

Nunca uma migalha da independência de "O Jornal" alguma vez foi beliscada nas suas relações com os protagonistas politicos que ao longo dos anos se sucederam no Poder. Aliás, apenas uma vez na sua história deu indicação de voto explícita aos seus leitores, nas eleições intercalares de Dezembro de 1979, quando, posicionando-se contra a AD (Aliança Democrática) de Sá Carneiro, defendeu o voto na FSP (Frente Socialista Popular), liderada por Mário Soares. O malogrado líder do então PPD zangou-se, tendo inclusivamente ameaçado com um corte de relações. Mas a zanga passou-lhe depressa: a AD ganhou e, na edição seguinte, Francisco Sá Carneiro — um social-democrata de gema — já falava dos seus projectos a "O Jornal", enquanto Mário Soares analisava a derrota da FSP e, por conseguinte, do PS.

* * *

Nos primeiros anos da década de 1980, alguns reforços da equipa de "O Jornal" foram especialmente relevantes. É por essa época que Silva Costa entra também para a sociedade, como accionista e redactor. E a Redacção e o corpo de colaboradores são, um pouco mais tarde, enriquecidos com as entradas de Fernando Dacosta, Daniel Ricardo, Francisco Vale, Fernanda Mestrinho, Clara Pinto Correia, Rogério Rodrigues, António Mega Ferreira,

António Duarte e os grafistas António Martins e Joaquim de Brito. Outros nomes de colaboradores, chegados desde logo ou um pouco mais tarde: Clara Ferreira Alves, Inês Pedrosa, Miguel Lemos, Jaime Antunes, Luís Salgado Matos e José Luís Saldanha Sanches (que a certa altura fizeram as páginas de Economia de "O Jornal", em longas madrugadas alimentadas a café…).

O ficheiro de colaboradores externos de "O Jornal" incluía centenas de nomes, sendo por isso de impossível enumeração no corpo deste texto: a sua listagem figurará em anexo, esperando-se que sem nenhuma falha significativa.

Assinale-se, entretanto, que Carlos Fino foi correspondente em Moscovo, Manuel Lopes e Juan Frisuelosem Madrid e Bernardo Futcher Pereira em Washington, J. M. Nobre-Correia em Bruxelas e Carlos Martins em Bona. Em Paris, sucederam-se os nomes de Isabel Soares, Virgílio de Lemos e Daniel Ribeiro. Na frente interna, designadamente no Porto, houve também dois excelentes delegados-correspondentes: primeiro, Rodrigues Alves; depois, Germano Silva, reconhecidamente um dos maiores conhecedores de tudo o que diga respeito à cidade. Em Coimbra, o correspondente era João Fonseca.

Tantos são os nomes a registar tendo pertencido, de forma mais ou menos próxima, à grande família de jornalistas e colaboradores (regulares ou episódicos) de "O Jornal" que vou, certamente, correr o risco de deixar alguém esquecido. Mesmo assim, tento completar o quadro, acrescentando alguns nomes de repórteres e repórteres-fotográficos: Nuno Ribeiro, Pedro Vieira, Carneiro Jacinto, Rogério Vidigal, Rogério Rodrigues, Horácio Piriquito, Filipe Luís, José Manuel Rodrigues da Silva, Ferreira Fernandes, Isabel Oneto, José Luís Feronha, Nicolau Santos, Carlos Vaz Marques, Maria João Martins, Eunice Andreia, Fernando Ricardo, Luís Barra e José Eduardo Rebelo — que seria o ultimo chefe de Redacção, depois de Assis Pacheco e Carneiro Jacinto. (Para diminuir o risco de exclusões injustas, anexarei a esta "memória" uma lista exaustiva, alfabeticamente ordenada, de quantos nos foram, por assim dizer, familiares).

* * *

Com a passagem dos anos, "O Jornal" transformar-se-ia na peça principal de um corpo de publicações diversas, entre as quais se distinguia o "Se7e" (lançado em Junho de 1978), grande semanário dedicado à area dos espectáculos, mas também o "JL — Jornal de Letras, Artes e Ideias" (Março de 1981), a revista "História" (1978), "O Jornal da Educação", ou, com menor expressão, o "Bisnau" e o "Correio Económico" (este, na verdade, uma espécie de newsletter em que se reproduziam artigos da imprensa especializada internacional). Mas viria a desempenhar igualmente algum protagonismo na criação da TSF-Rádio Jornal e da SIC, em 1986, sobretudo na primeira, em que chegou a ter 34 por cento da própria Projornal, mais cinco por cento da Intereditor, uma empresa cujo capital era pertença dos accionis-

tas de "O Jornal". Assim sendo, a Projornal tinha dois dos cinco administradores da TSF, entre os quais o lugar de presidente (eu próprio), enquanto Emídio Rangel era o director-geral.

Outros projectos não chegaram a vingar, ou não foram sequer tentados. Em 1980, a Imprensa dava conta de que "O Jornal" e o diário francês "Le Monde" planeavam associar-se, para lançar em Portugal um diário intitulado "O Mundo", mas a verdade é que a ideia não foi avante, por não ter havido acordo no grupo dos fundadores de "O Jornal".

Mas "O Jornal" foi também núcleo central de uma editora de livros, que, sendo embora relativamente modesta em termos quantitativos, ainda se traduziu num catálogo com mais de oitenta títulos de meia centena de autores, entre os quais Augusto Abelaira, Natália Correia, Baptista-Bastos, José Cardoso Pires, Mário Dionísio, Eugénio de Andrade, Maria Velho da Costa, Álvaro Guerra, Sophia de Mello Breyner, Gabriel Garcia Marquez, Lygia Fagundes Teles, Carlos Drumond de Andrade, João Ubaldo Ribeiro, Maria Judite de Carvalho, José Fernandes Fafe, Manuel Alegre, António Victorino de Almeida, Hélia Correia, Américo Guerreiro de Sousa, Jorge Listopad, Maria Alberta Meneres, Carlos Correia, Teolinda Gersão e Nuno Bragança.

Obras singulares neste campo de actividade seriam, ainda na década de 1970, "Cartoons" e "Caricaturas Portuguesas dos Anos de Salazar", de João Abel Manta, e "A Revista à Portuguesa — Uma História Breve do Teatro de Revista", de Vítor Pavão dos Santos, bem como a edição, ilustrada por João Abel Manta, de um texto esquecido de Eça de Queirós, "Primeiro de Maio", apresentada por A. Campos Matos. (Um rol completo dessas obras e respectivos autores vai também em anexo).

Embora se trate de um mini-retrato do que foi "O Jornal", não seria justo esquecer o seu Centro de Documentação, dirigido por Maria João Múrias, nem a Intergráfica, uma empresa por nós constituída com dois gráficos (Luís Araújo e Luís Desorta). No que me diz respeito de uma forma mais próxima, refiro simbolicamente as minhas primeira e última secretárias — Rita Fonseca e Paula Godinho. Outras secretárias passaram, igualmente, pela Projornal, entre elas Cristina Cardoso, Isabel Pires, Helena Garcia, Teresa Rodrigues, Maria José Mourato, Ana Paula Figueiredo, Otília Peixoto e Teresa Brás (no centro de documentação), mas não deixo também de lembrar o indispensável Fernando Moreno, verdadeiro "pau para toda a obra"…).

Neste caudal de recordações, necessariamente limitado, não quero deixar de evocar aqueles que, de entre os iniciadores desta "aventura", não podem celebrar este 40.º aniversário. Diz-se que Roberto Marinho, o célebre criador do universo da Globo brasileira, mesmo já com muita idade, nunca dizia "Quando eu morrer…", mas sim "Se eu faltar…" Eis, pois, de entre os fundadores de "O Jornal", aqueles que "faltaram": Manuel Beça Múrias (e a sua

mulher, Maria João), Afonso Praça, Rui Pimenta, Carlos Cáceres Monteiro e Joaquim Lobo. E, também, outros que vieram, posteriormente, a ser também societários: António Gomes da Costa, Fernando Assis Pacheco e Manuel da Silva Costa.

* * *

O que fica registado são apenas alguns episódios entre os muitos que se poderiam evocar, retirados de um riquíssimo historial de uma experiência pioneira, que se prolongou até ao final de 1992, sendo depois continuada com a criação da "Visão", a que também gostei muito de estar associado.

Não sou muito de ficar agarrado ao passado, mas nem por isso deixo de me lembrar com alguma saudade da minha ida a Lausanne, onde caí de paraquedas, apenas armado com um recorte do "El País", que o Cáceres Monteiro, sabedor do meu interesse por notícias sobre Imprensa e os *media* em geral, me tinha dado um dia. Era uma pequena notícia a duas colunas em que se dava conta da entrada do Grupo Edipresse em Espanha. No final, lá se dava também notícia de que a Edipresse poderia vir a interessar-se por Portugal.

Resolvi telefonar a Pierre Lamunière, o líder da Edipresse, a pedir-lhe uma entrevista. Foi o início de uma negociação que durou alguns meses, conseguindo-se com ela uma façanha rara em Portugal: a sua confidencialidade do princípio ao fim…

A verdade é que a diligência veio a ter um desfecho positivo, com a aquisição pela Edipresse de 68 por cento da Projornal (entretanto transformada em sociedade anónima, com o capital a atingir 200 mil contos, graças a sucessivos aumentos por incorporação de reservas). Mais tarde, a Edipresse adquiriu-nos os restantes 32 por cento, mas devo dizer que em momento algum foi posta em causa, sob nenhuma forma, a nossa total liberdade e independência jornalística.

Isso permitiu a "O Jornal" viver mais algum tempo, antes de nos decidirmos pelo seu desaparecimento definitivo, com a edição de 27 de Novembro de 1992, para dar lugar à "Visão", cujo primeiro número foi publicado em 25 de Março de 1993, com um lançamento espectacularmente assinalado com uma festa numa tenda gigante, em frente do n.º 232, onde se situava a sede hisórica da Projornal. O então Presidente Mário Soares foi uma das muitas centenas de convidados presentes, entre políticos, diplomatas, intelectuais, artistas e jornalistas. Foi uma festa inesquecível.

Virar de página, na apresentação da "Visão", em 25 de Março de 1993: José Silva Pinto, Mário Soares, Pierre Lamunière e José Carlos de Vasconcelos

A preparação da nova revista foi objecto de intensos trabalhos, em todos os domínios — re-

dactorial, fotográfico, gráfico, mas também administrativo —, alguns dos quais realizados na Sala Kioto do Hotel Altis, onde o próprio "O Jornal" havia sido idealizado, mas também em Lausanne, na sede da Edipresse. (Recordo com particular saudade os contactos que mantive com Pierre Lamunière, Marcel Pasche, Jean Pierre Mérot, André Jaunin e André Stumpges, entre outros).

A "Visão" foi, logo desde o início, indiscutivelmente um êxito, fazendo actualmente parte do universo de publicações da Impresa, em consequência da decisão da Edipresse de abandonar todas as suas actividades no estrangeiro, em consequência da sua aliança com outro grande grupo suíço.

* * *

Passados 40 anos sobre a fundação de "O Jornal", não posso deixar de sublinhar a excepcionalidade dessa experiência, que ninguém, aliás, voltou a tentar levar a cabo.

Repeti-la nos mesmos moldes será, decerto, uma tarefa impossível: ainda que se possa admitir que haja, hoje, jornalistas teoricamente desejosos de repetir a experiência, não me parece que abunde o ânimo necessário à sua concretização.

As circunstâncias são irrepetíveis: quem acredita que seja possível, por estes dias, reunir um grupo de jornalistas ainda jovens, mas suficientemente experientes para arriscar um tal empreendimento, sabendo-se que o capital inicial exigido seria muito mais elevado do que o equivalente aos salários de três meses?

Os nossos 2 150 contos iniciais seriam, hoje, quanto?

A minha vida passa-se, hoje, longe do universo dos *media*. Mas, como costumo dizer, os anos que nesse mundo vivi (quase 50...) — esses ninguém me tira. E os anos que passei, na Projornal, em "O Jornal" e nos primeiros tempos da "Visão", foram seguramente dos melhores e mais felizes dos que me foi dado viver.

Por isso estou muito grato a quantos comigo partilharam a aventura. E termino com um dito do Raul Solnado de que gosto muito: "façam [também] o favor de ser felizes"...

JOSÉ SILVA PINTO

Quem foi quem nas Redacções de «O Jornal» & afins

Afonso Praça
Albino Ribeiro Cardoso
Ana Paula Correia
Ana Pereira da Silva
Ana Sá Lopes
Ângela Caires
António Carlos Carvalho
António Carneiro Jacinto
António Macedo
António Mega Ferreira
Carlos Cáceres Monteiro
Clara Ferreira Alves
Clara Pinto Correia
Cláudia Lobo
Daniel Ricardo
Edite Soeiro
Emília Caetano
Fernando Antunes
Fernando Assis Pacheco
Fernando Dacosta
Fernando Gaspar
Fernando Negreira
Fernando Ricardo
Ferreira Fernandes

Filipe Luís
Francisco Sarsfield Cabral
Francisco Vale
Gonçalo Mendes
Hélia Correia
Henrique Monteiro
Hernâni Santos
Horácio Piriquito
Inácio Ludgero
Inês Pedrosa
Isabel Fragoso
Isabel Oneto
João Adelino Faria
João Garcia
João Ribeiro
João Segurado
Joaquim Bizarro
Joaquim Letria
Joaquim Lobo
José Carlos de Vasconcelos
José Eduardo Rebelo
José Luís Feronha
José Manuel Barroso
José Manuel Fernandes
José Manuel Rodrigues da Silva
José Pedro Castanheira
José Pinto Nogueira
José Plácido Júnior
José Silva Pinto
Lina Pacheco Pereira
Luís Almeida Martins
Luís Barra
Luís Ribeiro
Lurdes Feio
Manuel Beça Múrias
Manuel da Silva Costa
Mônica Pereira
Nuno Guerreiro
Nuno Ribeiro
Paula Serra
Paulo Chitas
Paulo Fidalgo
Pedro Castro
Pedro Múrias
Pedro Rafael dos Santos
Pedro Vieira
Rogério Rodrigues
Rogério Vidigal
Rui Pimenta
Viriato Teles
Vítor Pinto Basto

«Se7e»

Acácio Barradas
António Costa Santos
Belino Costa
João Vaz
Maria João Duarte
Manuel Falcão
Manuel Neto
Mário Zambujal
Oscar Mascarenhas
Pedro Rolo Duarte
Rudolfo Iriarte

«JL»

José Jorge Letria
Maria João Martins
Ricardo Araújo Pereira

«História»

Fernando Rosas
Irene Pimentel

Serviços Administrativos e Comerciais

António Gomes da Costa
Carlos Varão
Helena Sequeira
Manuela Machado
Natacha Gomes
Teresa Meio-Tostão

Um rico e diversificado corpo de colaboradores

A. Campos Matos
Adelino Amaro da Costa
Afonso de Barros
Agustina Bessa Luís
Alberto Arons de Carvalho
Albertino Antunes
Alberto Martins
Alberto Pimenta
Alexandre Melo
Alfredo Campos Matos
Álvaro Cunhal
Amadeu Lopes Sabino
António Almeida Santos
António Barreto
António Freitas de Sousa
António Guterres
António Jorge Branco
António Lobo Antunes
António Lopes Vieira
António Macedo
António Noronha
António Pedro Vasconcelos
António Reis
António Rolo Duarte
António Sousa Franco
António Victorino d'Almeida
Arnaldo Saraiva
Artur Portela
Augusto Abelaira
Augusto de Carvalho (Maputo)
Baptista-Bastos
Basílio Horta
Benjamin Kuznetsov (Moscovo)

Bernardo Futcher Pereira
Bernardo Santareno
Carlos Andrade
Carlos Brito
Carlos Fino
Carlos Gil
Carlos Oliveira Santos
Cássio Loredano
Catarina Vaz de Almeida
Clara Pinto Correia
Cláudia Costa
Daniel Amaral
Daniel Ribeiro
Eduardo Lourenço
Eduardo Paes Mamede
Eduardo Prado Coelho
Elisa Drago (Paris)
Eunice Andreia
Eurico de Figueiredo
Eurico da Fonseca
Francisco Louçã
Francisco Lucas Pires
Fernanda Dinis
Fernando Mateus
Fernando Namora
Franco Caruso
Francisco Mata
Gabriel García Marquéz
Germano Silva
Guilherme Oliveira Martins
Helena Roseta
Helena Salem (Rio de Janeiro)
Helena Sanches Osório
Henrique de Barros
Ilídio Rocha
Irineu Garcia
Isabel Ataíde Cordeiro
Isabel do Carmo
Isabel Risques
Jacinto Baptista
Jacinto Rego de Almeida
Jill Jolliffe
João Abel Manta
João Antunes
João Benard da Costa
João Cravinho
João de Freitas Branco
João Fonseca
João Grego Esteves
João Madeira
João Mário Grilo
João Medina
João Palma-Ferreira
João Paulo Guerra
João Paulo Martins
João Pinharanda
João Salgueiro
João Ubaldo Ribeiro
Jorge Gaspar
Jorge Listopad
José A. Salvador
José Augusto Seabra
José Cardoso Pires
José Costa Rodrigues
José Gameiro
José Guilherme Moreira
José Luís Porfírio
José Luís Saldanha Sanches
José Manuel Garcia
José Manuel Jardim
J. M. Nobre-Correia
José Navarro de Andrade
José Sesinando (Palla e Carmo)
José Vaz Pereira
Juan Frisuelos (Madrid)
Leonor Xavier
Luís Filipe Barreto
Luís Osório
Luís Paixão Martins
Luís Pinheiro de Almeida
Luís Poças
Luís Salgado de Matos
Luís Sttau Monteiro
Luísa Mellid-Franco
Manuel F. Andrade
(Rodrigo Sousa e Castro)
Manuel Lopes
Manuel Rio de Carvalho
Manuel S. Fonseca
Manuel Vieira
Manuel Vilas Boas
Manuela Paixão (Roma)
Marcello Duarte Mathias
Margarida Amaro
Maria Carrilho
Maria do Carmo Caracol
Maria Filomena Mónica
Maria João Múrias
Maria João Beça Múrias
Mário Neves
Melo Antunes
Miguel Esteves Cardoso
Miguel Urbano Rodrigues
Miller Guerra
Natália Correia
Natália Henriques (Cairo)
Nelson di Maggio
Nicolau Santos
Nuno Brederode Santos
Nuno Portas
Onésimo Teotónio Almeida
Os 3 Garfos
(Maria Carrilho)
(Isabel Ribeiro)
(Francisco Capelo)
Paulo Lameira
Paulo de Matos (Bruxelas)
Pedro Pezarat Correia
Rodrigues Alves
Rui Pimentel
Serras Gago
Severo Portela
Teresa Matos
Torres Couto
Tolentino de Nóbrega
Urbano Tavares Rodrigues
Vasco Colombo
Veríssimo Serrão
Vital Moreira
Vítor Pavão dos Santos

Livros e autores publicados pelas Edições «O Jornal»

Abelaira, Augusto. *A Cidade das Flores*.
Abelaira, Augusto. *Bolor*.
Abelaira, Augusto. *Deste Modo ou Daquele*.
Abelaira, Augusto. *O Bosque Harmonioso*.
Abelaira, Augusto. *O Único Animal Que*.
Alegre, Manuel. *Babilónia*.
Almada Negreiros, Maria José. *Conversas com Sarah Affonso*.
Almeida, António Victorino de. *Coca-Cola Killer.*
Almeida, António Victorino de. *Memória da Terra Esquecida*.
Almeida, Jacinto Rego de. *O Monóculo*.
Andrade, Carlos Drummond de. *60 Anos de Poesia*. Selecção, prefácio e notas de Arnaldo Saraiva.
Andrade, Eugénio de. *Poesia e Prosa I.*
Andrade, Eugénio de. *Poesia e Prosa II*.
Andrade, Eugénio de. *Porto. Os Sulcos do Olhar*. Fotografias de Dario Gonçalves.
Andresen, Sophia de Mello Breyner. *A Noite de Natal.* Ilustrações de José Escada.
Baptista-Bastos. *A Colina de Cristal*.
Baptista-Bastos. *As Palavras dos Outros*.
Baptista-Bastos. *Elegia para um Caixão Vazio*.
Baptista-Bastos. *O Secreto Adeus*.
Baptista-Bastos. *Um Homem Parado no Inverno*.
Baptista-Bastos. *Viagem de um Pai e de um Filho pelas Ruas da Amargura*.
Barros, Henrique de, e Fernando Ferreira da Costa. *António Sérgio: uma Nobre Utopia.*
Bragança, Nuno. *Do Fim do Mundo*.
Buarque, Chico. *Ópera do Malandro.*
Cabral, Luís. *Crónica da Libertação*.
Caixeiro, Madalena. *Sementes de Só, Raízes de Mim*.
Carvalho, Maria Judite de. *Além do Quadro*.
Correia, Carlos. *Um Pássaro no Psicólogo*. Ilustrações de Charlotte Dufour.
Correia, Clara Pinto. *Histórias Naturais*.
Correia, Hélia. *A Fenda Erótica*.
Correia, Natália. *A Pécora*.
Correia, Natália. *As Núpcias*.
Correia, Natália. *Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente*.
Correia, Natália. *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias I.*
Correia, Natália. *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias II*.
Correia, Natália. *Somos Todos Hispânicos.*
Costa, Maria Velho da. *Lúcialima*.
Coutinho, Alexandre. *Como se Faz um Presidente. Ensaio sobre Mediatização Política*.
Diffie, Bailey W. *Prelúdio ao Império. Navegações e Comércio Pré-Henriquinos.* Tradução de Flávia Coelho Dias (co-edição Teorema).
Dionísio, Mário. *A Morte É para os Outros*.
Dionísio, Mário. *Autobiografia.*
Dolores, Carmen. *Retrato Inacabado*.
Duarte, Mário. *Jornal Poliédrico*.
Fafe, José Fernandes. *Esquerda – a Novíssima e a Eterna*.
Fafe, José Fernandes. *Os Lusíadas e os Outros e Outros Poemas*.
Ferraz, Ivens. *A Ascenção de Salazar*. Prefácio e anotações de César Oliveira.
Ferro, Gaetano. *As Navegações Portuguesas no Atlântico e no Índico*. Tradução de José Colaço Barreiros (co-edição Teorema).
Figueiredo, Eurico. *Psicanálise da Saudade.*
Gersão, Teolinda. *O Silêncio*.
Gersão, Teolinda. *Os Guarda-Chuvas Cintilantes*.
Gersão, Teolinda. *Paisagem com Mulher e Mar ao Fundo*.

Guerra, Álvaro. *A Lebre*.
Guerra, Álvaro. *Café República.*
Guerra, Álvaro. *Café Central.*
Guerra, Álvaro. *Café 25 de Abril.*
Guerra, Álvaro. *Os Mastin*s seguido de *O Disfarce.*
Jolliffe, Jill. *Timor, Terra Sangrenta*.
Jorge, Artur. *Vértice da Água*.
Letria, Joaquim, et al. *Eleições 76*.
Letria, Joaquim. *Histórias para Ler e Deitar Fora*.
Listopad, Jorge. *Mar Seco, Gelado Quente – São 21 de Repente.* Ilustrações de Henrique Cayatte.
Lopes, David. *A Expansão em Marrocos* (co-edição Teorema).
Lourenço, Eduardo. *A Europa Desencantada*.
Macedo, António. *Na Outra Margem de Abril. Pequenas Histórias de Grandes Homens*. Prefácio de António Almeida Santos.
Manta, João Abel. *Caricaturas Portuguesas.*
Manta, João Abel. *Cartoons*. Prefácio de José Cardoso Pires.
Márquez, Gabriel García. *A Aventura de Miguel Littín Clandestino no Chile*. Tradução de Margarida Santiago.
Márquez, Gabriel García. *Crónica de uma Morte Anunciada*. Tradução de Fernando Assis Pacheco.
Mata-Cães, Francisco. *Lord Canibal*.
Menéres, Maria Alberta, e Carlos Correia. *O Sétimo Descarrilamento*. Desenhos de Jorge Colombo.
Monteiro, Cáceres. *Amazónia Proíbida. Um Repórter Português no Último Lugar do Mundo onde a Aventura ainda É Possível.*
Monteiro, Cáceres. *O Mundo em AZERT* (co-edição Círculo dos Leitores).
Morison, S. E. *As Viagens Portuguesas à América*. Tradução de Luís M. Maia Varela (co-edição Teorema).
Múrias, Manuel Beça. *Mundos e Fundos. Crónicas de Paixão e Maldizer.*
Namora, Fernando. *Autobiografia.*
Neves, Mário. *A Chacina de Badajoz. Relato de uma Testemunha de um dos Episódios Mais Trágicos da Guerra Civil de Espanha*.
Oliveira, César. *Salazar e a Guerra Civil de Espanha*.
Oliveira, César. *Salazar e o seu Tempo*.
Pearson, M. N. *Os Portugueses na Índia.* Tradução de Ana Mafalda Telo Dias (co-edição Teorema).
Pezarat Correia, Pedro. *Centuriões ou Pretorianos?*
Pimentel, Rui. *Desenhos de Escárnio e Mal-Dizer*. Prefácio de Agostinho da Silva.
Pires, José Cardoso. *Balada da Praia dos Cães*.
Pires, José Cardoso. *Jogos de Azar.*
Pires, José Cardoso. *O Anjo Ancorado*.
Pires, José Cardoso. *O Hóspede de Job.*
Queiroz, Eça de, Ramalho Ortigão, Batalha Reis, et al. *Cartas Inéditas*. Introdução, comentários e notas de Beatriz Berrini.
Queiroz, Eça de. *Primeiro de Maio*. Nota prévia de A. Campos Matos e ilustrações de João Abel Manta.
Quental, Antero de. *Cartas Inéditas a Alberto Sampaio.* Transcrição, organização, prefácio e notas de Ana Maria Almeida Martins.
Resende, Júlio. *Autobiografia.*
Ribeiro, João Ubaldo. *Livro de Histórias*.
Ricardo, Daniel. *Manual do Jornalista.*
Rosas, Fernando. *As Primeiras Eleições Legislativas sob o Estado Novo. 16 de Dezembro de 1934.*
Salvador, José A. *Roteiro de Vinhos Portugueses 1991.*
Salvador, José A. *Roteiro de Vinhos Portugueses 1992*.
Santos, Vítor Pavão dos. *A Revista à Portuguesa*. *Uma História Breve do Teatro de Revista.*
Sousa, Américo Guerreiro de. *A Morte das Baleias*.
Suza, Linda de. *A Mala de Cartão*.
Telles, Lygia Fagundes. *A Disciplina do Amor*.
Torrado, António. *Almanaque Lacónico*. Ilustrações de Espiga.
Torrado, António. *Dez Contos de Reis.* Ilustrações de José Pinto Nogueira.
Torrado, António. *Dez Dedos de Conversa*. Ilustrações de José Pinto Nogueira.
Ventura, Cândida. *O Socialismo que Eu Vivi*.